

Caminhos e Diálogos da Antropologia Portuguesa  
Homenagem a **Benjamim Pereira**



P  
B

Caminhos e Diálogos da Antropologia Portuguesa  
Homenagem a **Benjamim Pereira**

**Organização e Coordenação Científica**

Clara Saraiva, Jean-Yves Durand e João Alpuim Botelho

**Coordenação Editorial e Revisão**

Cláudia Jorge Freire

**Design**

Henrique Cayatte

**Edição**

Câmara Municipal de Viana do Castelo

**Organização do Colóquio de Homenagem a Benjamim Pereira**

Fundação Calouste Gulbenkian, 16-17 de Abril de 2010

CRIA | Centro em Rede de Investigação em Antropologia

IICT | Instituto de Investigação Científica Tropical

**Apoios**

CRIA | Centro em Rede de Investigação em Antropologia

IICT | Instituto de Investigação Científica Tropical

Câmara Municipal de Castelo Branco

Câmara Municipal de Idanha-a-Nova

Câmara Municipal de Paredes de Coura

Direcção-Geral do Património Cultural | Museu Nacional de Etnologia

Direcção Regional de Cultura do Norte

Fundação Calouste Gulbenkian

**Tiragem**

1 500 exemplares

**ISBN**

978-972-588-244-3

**Depósito Legal**

377484/14

**Impressão e acabamento**

Felprint - indústria gráfica, lda.

**Textos**

Ana Margarida Campos

Ana Margarida Serra Ferreira

Ana Paula Zacarias

António Medeiros

Branca Moriés

Catarina Alves Costa

Catarina Mourão

Celina da Piedade

Christian Bromberger

Clara Frayão Camacho

Clara Saraiva

Cláudia Castelo

Cláudia Jorge Freire

Domingos A. R. Morais

Fernando Oliveira Baptista

Henri Campagnolo

Henrique Cayatte

Jean-Yves Durand

Joana Rodrigues

João Alpuim Botelho

João de Pina Cabral

João Leal

Jorge de Barros

Jorge Sampaio

José Alberto Sardinha

José Maria Costa

Lia Dias Marchi

Manuel Pedro Ferreira

Manuela Ivone Cunha

Manuela Palmeirim

Maria Beatriz Rocha-Trindade

Maria Carlos Radich

Maria João Lança

Maria Olímpia Lameiras-Campagnolo

Miguel Vale de Almeida

Paula Godinho

Paulo Ferreira da Costa

Paulo Longo

Paulo Raposo

Pedro Pacheco

Pedro Prista

Raquel Henriques da Silva

Rita Jerónimo

Thomas K. Schippers

Victor Mestre

Wulf Köpke

**Imagens**

**Capa e Contracapa**

Barca de passagem no Guadiana transportando o Citroën Dois Cavalos de Benjamim Pereira, Ameixial, Moura.

Fotografia de Jorge Dias | Ficha manuscrita.

[Centro de Estudos de Etnologia / Arquivo do Museu Nacional de Etnologia]

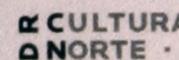
**Badana**

Museu de Etnologia, Rua Jau.

**Agradecemos a todos os que das mais variadas formas contribuíram para a concretização desta edição de homenagem a Benjamim Pereira.**



VIANA DO CASTELO



<b>Abertura</b>	007
<b>Mensagem</b> José Maria Costa	009
Jorge Sampaio	011
Ana Paula Zacarias	013
<b>Antropologia em movimento</b> Clara Saraiva	017
<b>Objectos e técnicas</b>	021
<b>Tecnologia tradicional. Identificação e declínio</b>	023
Maria Carlos Radich e Fernando Oliveira Baptista	
<b>Le <i>trilho</i> revisité. Quelques réflexions ethnographiques autour de l'usage contemporain d'un outil archaïque</b>	045
Thomas K. Schippers	
<b>Techniques et société dans la province du Gilân</b>	051
Christian Bromberger	
<b>Encontros afortunados</b>	063
Victor Mestre	
<b>Não são gigantes? Moinhos, geradoras eólicas e etnógrafos</b>	075
Jean-Yves Durand e Manuela Ivone Cunha	
<b>A ambiguidade dos meios: ensaio ergológico sobre canoas de vinhático no Baixo Sul da Bahia</b>	081
João de Pina Cabral	
<b>Gestos e Práticas</b>	097
<b>Caretos transmontanos: entre o <i>registo escondido</i>, a conversão em património e a mercadorização</b>	099
Paula Godinho	
<b>Festividades cíclicas em tempo de pós-ruralidade. Performance, património e turismo</b>	105
Paulo Raposo	
<b>A escrita da oralidade e o uso objectivado da escrita: dois estudos de caso</b>	111
Manuela Palmeirim	
<b>Noutro país, outro construtor de cultura</b>	121
António Medeiros	
<b>Usos da História em Jorge Dias</b>	135
João Leal	
<b>Os cantares polifónicos a S. João na tradição popular minhota</b>	147
Manuel Pedro Ferreira	
<b>Arquivo das Danças do Alentejo - Portugal</b>	155
Domingos A. R. Morais, Celina da Piedade e Lia Dias Marchi	
<b>A origem do Fado</b>	173
José Alberto Sardinha	
<b>Pessoas e Museus I</b>	179
<b>De um desencontro aos muitos encontros com o Benjamim</b>	181
Clara Frayão Camacho	
<b>Da etnografia ao património imaterial: um percurso conceptual e pessoal</b>	185
Rita Jerónimo	
<b>Descentralizar: O Centro Cultural Raiano e a etnografia portuguesa</b>	189
Paulo Longo	
<b>As tecnologias tradicionais do linho e da seda no Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, em Castelo Branco</b>	193
Ana Margarida Serra Ferreira	
<b>Museu Regional de Paredes de Coura. Memórias de afetos e sabedoria</b>	199
Joana Rodrigues	
<b>...os registos da memória...</b>	207
Pedro Pacheco	
<b>Benjamim Pereira no Museu da Luz: objectos e memórias de um mundo rural numa nova aldeia</b>	211
Maria João Lança	
<b>Imagens e sons para o Benjamim: algumas notas sobre o filme de homenagem a Benjamim Pereira</b>	219
Catarina Alves Costa e Catarina Mourão	
<b>Folclorismo e lucidez: a influência de Benjamim Pereira na definição do programa do Museu do Traje de Viana do Castelo</b>	223
João Alpuim Botelho	

<b>Pessoas e Museus II</b>	231
<b>À conversa com Benjamim: memórias do Centro de Estudos de Antropologia Cultural e do Museu de Etnologia</b> Cláudia Castelo	233
<b>Benjamim Pereira, imagens de um percurso (diaporama)</b> Cláudia Jorge Freire	243
<b>Diaporama com vida: um apontamento pessoal</b> Ana Margarida Campos	251
<b>Coisas que o digam: Benjamim Pereira e a museologia etnográfica em Portugal</b> Pedro Prista	253
<b>Desafios e possíveis respostas para um velho Museu de Etnologia numa capital europeia actual</b> Wulf Köpke	255
<b>Do "terreno" ao "museu": o carácter não-inerte do objecto museológico</b> Maria Olímpia Lameiras-Campagnolo e Henri Campagnolo	261
<b>A antropologia como obra de arte: Benjamim Pereira no terreno</b> Raquel Henriques da Silva	273
<b>Percurso do património imaterial, entre a Antropologia e a Museologia</b> Paulo Ferreira da Costa	277
<b>Museus de migrações: olhares cruzados entre a origem e o destino</b> Maria Beatriz Rocha-Trindade	289
<b>Encerramento</b>	305
<b>E agora, Benjamim?</b> Jean-Yves Durand	307
<b>Trabalhos e registos</b> Branca Moriés e Clara Saraiva	313
<b>Coisas de ontem - para amanhã</b> Miguel Vale de Almeida	321
<b>Aproximação</b> Jorge Barros	323
<b>Sabes</b> Henrique Cayatte	325

## DVD

### **Benjamim Pereira, imagens de um percurso [diaporama]**

Ana Margarida Campos, Cláudia Freire e Jorge Murteira, 2010

### **Benjamim Pereira, fragmentos de entrevista**

Projecto *Património científico: colecções e memórias*, Instituto de Investigação Científica Tropical, 2010

Cláudia Castelo (coordenação)  
Rogério Abreu (imagem e edição)  
Laura Domingues (edição)

### **Para o Benjamim**

Catarina Alves Costa e Catarina Mourão, 2010

### **Para se descrever tem que se saber fazer**

Ana Margarida Campos e Cláudia Freire, 2014

### **Le trilha revisité**

Thomas Schippers, 2004

### **Valsa Mandada**

Melides, Grândola, 2010.

Dança ilustrada por um par acompanhado por um acordeão.

Tocador: Fernando Augusto

Dançadores: Maria Pereira e Eusébio José Pereira (mandador)

Gravação realizada no Centro de Dia de Melides, Concelho de Grândola a 28 de Setembro de 2010, no âmbito do projecto *Arquivo das Danças do Alentejo*.

Domingos Morais e Lia Marchi (coordenação)

### **Rancho "Ninho de uma Aldeia"**

S. Bartolomeu da Serra, Santiago do Cacém (2012).

Actuação do Rancho "Ninho de uma Aldeia", de São Bartolomeu da Serra, na Feira do Monte, em Santiago do Cacém a 1 de Setembro de 2012 no âmbito do projecto *Arquivo das Danças do Alentejo*.

João Ferreira e Joana Morais (realização)  
Domingos Morais (d direcção de projecto)

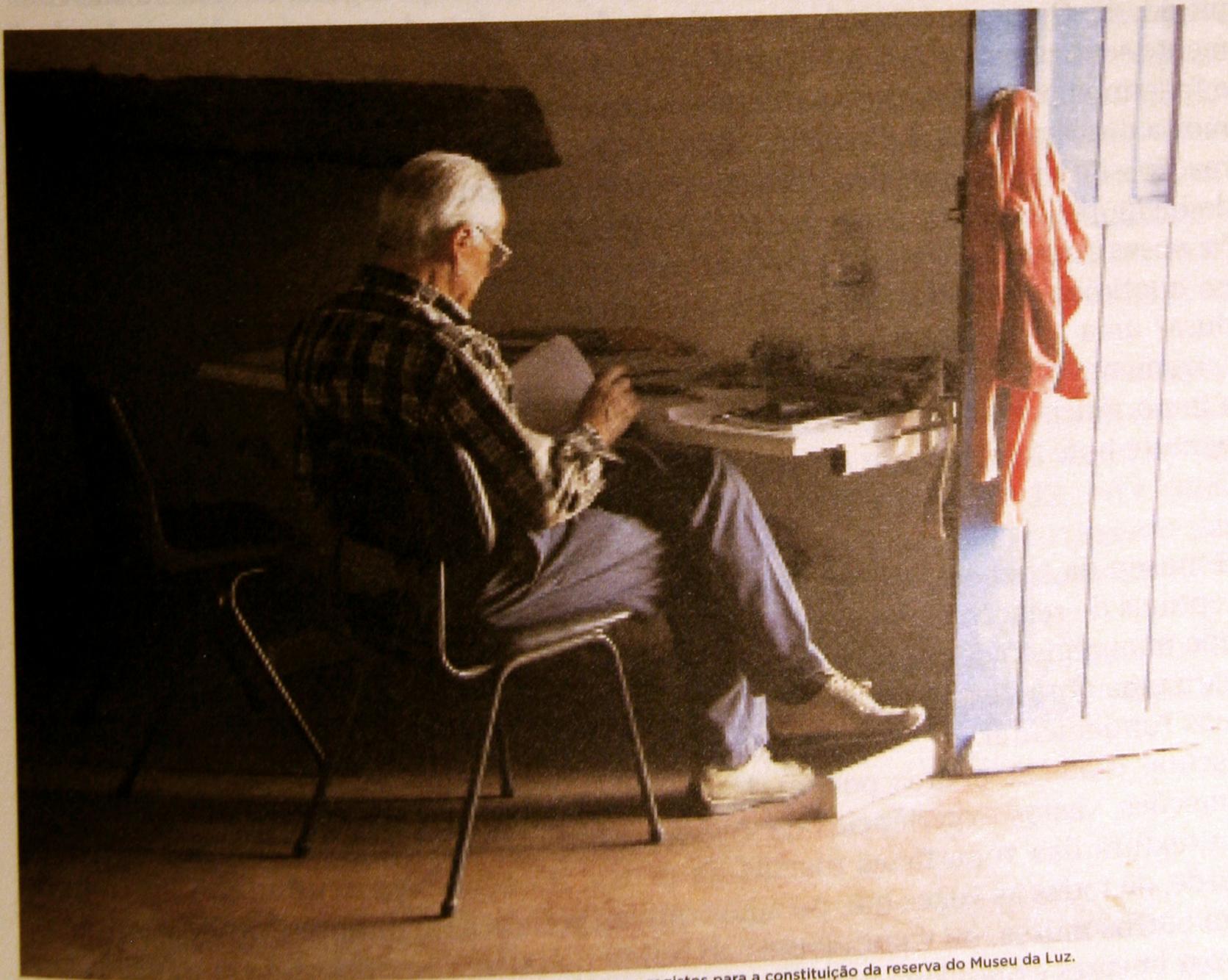
### **Cerimónia de homenagem**

a Benjamim Pereira na Casa do Alentejo

Jorge Murteira, 2010

## ...os registos da memória...

**Pedro Pacheco**  
Arquitecto



24 de Junho de 2003 - um dia de trabalho de Benjamim no Monte dos Pássaros - registos para a constituição da reserva do Museu da Luz.  
(Fotografia Pedro Pacheco)

## 1

Escolhi manter este texto o mais próximo possível do apresentado no Encontro de Homenagem a Benjamim Pereira, na Gulbenkian, mais directo às impressões que me fizeram pensar no que fui aprendendo ao longo de alguns anos de trabalho, convivência e amizade com o Benjamim.... e esta aprendizagem não é mais do que a que se tem com os mestres, porque lhes reconhecemos a experiência e a vida, mas com a proximidade de nos podermos sentar ao seu lado, partilhar olhares sobre a cultura de um território e pensar, desenhar e construir um projecto.

No caso da Luz, como encontrar instrumentos capazes de devolver memórias a quem perdeu o lugar onde elas quotidianamente se fixavam? Ou como fazer reconhecer qualidades nos novos lugares que possibilitem uma re-identificação com o território? O nosso trabalho em equipa foi-se construindo sobre o questionar de como agir sobre todas as inquietações que constituíam a natureza do processo de mudança da aldeia da Luz.

## 2

A obra de arte é intrínseca ao homem, cada homem um artista, sublinhava Joseph Beuys em 78 sobre a auto-determinação do homem face ao meio, face à sua condição de ser social. A possibilidade de entender que, em cada vida, em cada lugar e em cada momento, se gera uma osmose entre homem, sociedade e meio ambiente, e que esta complementaridade atinge, paradoxalmente, momentos de sofisticada sublimação, assim como de extrema simplicidade. É esta reacção, tão racional como emocional, tão erudita como popular, que produz a obra de arte.

Há no Benjamim uma enorme generosidade na sua arte de olhar, compreender, reter, traduzir e devolver à natureza do homem o que ela própria gera, em toda a sua complexidade. O querer e o poder ser veículo de memória de um passado que gradualmente se vai desmoronando e transformando. E é exactamente por acompanharmos e fazermos parte deste tempo de mudanças radicais que, inevitavelmente, assumimos a dupla responsabilidade de sermos simultaneamente motores dessa transformação e de a podermos descodificar, registar e atribuir-lhe significados... os registos da memória... não são mais do que a exposição dessa responsabilidade.

Na nossa experiência da Luz e também em outras, a arte e a ecologia da vida espelhada no quotidiano, manifestava-se nas mãos dos homens e mulheres, que faziam perdurar uma aprendizagem secular densificando a cultura dos lugares e o seu enraizamento numa ideia partilhada de colectividade. O Benjamim fez-nos entender a importância deste tempo que herdamos, tão próximo e já tão distante, que nos permite hoje também, ler, olhar e operar criticamente sobre a realidade.

## 3

O museu da Luz, estruturado pelo nosso pensamento, estabelecia as regras conceptuais de relação e reacção com o território da Luz. Pensar o projecto fazia sentido num registo de reconhecimento cultural do território. Trazer essa experiência para uma obra de arquitectura, parecia-nos simultaneamente misterioso e difícil, mas fundamental.

Escutar o que as pedras podem descrever, reactivando continuamente memórias, emoções, vastas experiências de vivência com os lugares, pela simplicidade táctil da textura das superfícies macias da pedra, do seu calor acumulado ao final da tarde, de todas as vezes que pisamos outras pedras semelhantes, ou nos sentamos em outros muros, ou caminhamos ao longo de outros caminhos... Ou das cores de veios lineares e ondulados que vimos impressas nos umbrais das portas, na sombra

densa desenhada pela luz, nas paredes de cal e lajedos de xisto, ou pela experiência quase sobrenatural de imaginar habitar o tempo do velho castelo da Lousa.

Pensamos que esta leitura, obviamente arquitectónica mas também antropológica, habita individual e colectivamente as experiências dos homens e das mulheres da Luz. Construir um museu que pudesse reflectir, conter e manifestar essas experiências, como uma casa, era o nosso propósito, mais próximo dos espaços onde diariamente se impregnam as memórias. Ainda assim, faltava ao nosso discurso a densidade de reconhecê-lo como real, possível, o mais livre possível, capaz de conter tantos lugares como os da Luz, mas também de provocar uma reconciliação natural com aquele território, quer a partir dos seus habitantes, que lhe dão corpo e presença, quer a partir dos seus novos visitantes, que vivenciam uma experiência singular com a nova paisagem da Luz, que é também a paisagem do território alentejano.

A arquitectura pode ainda ter a liberdade desta ambição por mais abstracta que possa parecer.

O Benjamim trouxe ao processo do museu da Luz a visão de como lidarmos melhor com as pessoas, de como estabelecer elos de familiaridade, de humanizar todo o processo, como uma espécie de descodificador de um tempo colectivo que se escapa e se fragmenta cada vez mais em memórias individuais.

#### 4

Numa das nossas conversas, o Benjamim descreve espontaneamente, o que me parece ser uma das mais claras e intensas definições do que é um museu: “um museu é uma espécie de ecrã de um processo densíssimo que antecede a projecção”.

Ecrã, pelo seu lado particular de olhar, expôr e apresentar; Processo, porque é o resultado de um longo trabalho laboratorial de preparação, investigação, ensaio e diálogo; Projecção, porque projecta e representa o momento da exteriorização, o confronto e a comunicação com o visitante que recebe e interpreta os seus códigos e conteúdos.

A analogia directa ao registo audiovisual, constrói um imaginário real, talvez por ser aquele que melhor capacidade tem de captar, contextualizar a memória e a experiência do habitar. De facto, o museu, é o resultado e registo físico, visual e expressivo de todo um processo de preparação do momento de comunicar e dialogar com o público. Esta percepção permitiu-nos dar mais corpo e sentido à inscrição do museu na paisagem da Luz e, por reacção recíproca, à inscrição da paisagem no museu a partir do quotidiano dos seus habitantes.

Enquanto procurávamos ler nas pedras, ou nos movimentos da paisagem, as transformações morfológicas dos tecidos construídos - as tecnologias, as variantes das tipologias de habitar - o Benjamim decifrava-nos toda uma vida em torno de um objecto, de um gesto, ou de um movimento. Objectos tão insignificantes como magistrais, na sua performance e geneologia, desgastados pelo movimento das mãos e do corpo. Fazia-nos compreender que ambas as leituras se cruzavam e tornavam a nossa história mais densa e reconhecível.

Viver um tempo em transformação e ser agente de registo e leitura dessa transformação, foi o que o Benjamim nos proporcionou, a possibilidade de decifrar um território, abrindo-nos portas para a sua reinvenção.

... um abraço Benjamim

Lisboa, 17 de Abril de 2010



**Obrigado Benjamim**